

# a acção

Não são os tiranos que fazem os escravos, são os esc  
vos que fazem os tiranos.

Ductos.

Ano I — N.º 2

APARECE QUANDO PÔDE

NOTA—Quem tiver interesse em lêr a acção  
deve procura-la nos locais de venda, nos sábados

Lisboa, 28 de agosto de 1909

## O Anarquismo Revolucionário

Eziste um anarquismo revolucionário. Assim o batizaram os seus partidários para o distinguir do seu irmão, o anarquismo sem importancia que nós professamos; o anarquismo filosofico, aquele que, ao que parece, não passaria duma doutrina toda tranquillidade, de pura especulação.

O anarquista revolucionario ri-se dos «filosofos», não quer ouvir falar dos «teóricos», e escomunga sem ezitação os «irreverentes», os que não uzem *lavallière* preta... O que os anarquistas revolucionários reclamam não são teorias, nem palavras; mas factos, ações... Longe de emitarem os individualistas encerrados na sua torre de marfim do Stirnerismo, eles professam pela massa popular uma profunda ternura... Para eles o fim a atinjar é animar o proletariado de sentimentos revolucionários, arremessal-o ao assalto á sociedade capitalista para ezeutar, alfim, a transformação social...

Portanto, o *anarquismo revolucionário* não é, pois, o nosso,—como é bem de vêr. Demais, o pensamento que elle reflete não é novo para nós. Pois não se lhe encontram as mesmas preocupações, os mesmos erros de todos os movimentos similares que o precederem?

O que eram ainda ha pouco a Associação Internacional Anarquista, e todas essas tentativas de Federações Anarquistas, de Alianças Revolucionárias? Sempre a mesma salsada de socialismo mal descasqueado, com sindicalismo operário á mistura. A famosa petisqueira do velhote é injénuo romantismo.

\*

\* \*

A nossa critica a esse anarquismo que se diz revolucionário, não é apenas em um artigo que a queremos fazer.

Logo no aparecimento desta folha a nossa preocupação foi a de diferenciar o anarquismo, tal como nós o concebemos, do velho revolucionarismo sentimental d'out'ora. Opozemos aos *clichés* dos nossos velhos *chatinhos* a critica ás suas idéas, e formulamos o melhor que podemos o que para nós é, não unicamente anarquismo considerado como ideal de finalidade social, como oasis obrigatorio onde a humanidade repousasse um belo dia,—mas sim o anarquismo dos anarquistas. Havia sonhadores anarquistas, literatos anarquistas, dilettantes anarquistas... e nós quizemos que houvesse anarquistas a valer.

Pode muito bem ser que nós ainda não conseguissemos sel-o, é muito provavel. Não temos a fatuidade de nos supormos capazes de destruir só por nós, o formidavel amontoamento de tolices, de erros, de preconceitos que a sociedade actual representa. O individuo não pode, de um dia para o outro, libertar-se dos entraves produzidos por séculos e séculos de ignorancia e de escravidão. Nós afirmamos que a sociedade é má porque os individuos raciocinam erroneamente e ajem de maneira ilogica, e dissemos a esses individuos que apenas deviam esperar a sua liberdade da sua propria educação. Mas nós não nos julgamos sobre-humanos, não nos supomos superiores aos nossos contemporaneos; a especie anarquista não contem a quintessencia de todas as perfeições e de todos os valores fisicos, moraes, científicos, artisticos. Dentro da mediocridade comum a toda a gente nós tentamos reagir, raciocinar cada vez mais as nossas ações e ajir o mais possivel em conformidade com os pensamentos que formulamos. Eis tudo. Mas já é muito. E' sair completamente do circulo onde

teem asficsiado todos os homens, é desconhecer as convenções e as coisas estabelecidas, que paralizam no individuo a iniciativa e a vontade.

\* \*

Hoje apenas queremos demonstrar uma coisa: repetir mais uma vez que só nós, unicamente nós, somos os verdadeiros revolucionários. Embora nós não atorduemos os ecos do mundo social com os retumbantes palavrões de Revolução e de Revolucionários.

Deixamos essas satisfações aos astuciosos de todas as categorias. Pois não é verdade que hoje toda a gente é *revolucionaria*? E esses que já deixaram de sel-o, não são os mesmos que o foram antes, de modo o mais ferrenho? Desde Clemenceau, Briand, Sangacier, Hevé, Jaurés, Bebel, Iglesias, Gneco e Albino Moraes, foram á porfia qual de deles o mais *revolucionário*. Por toda a parte os muros avermelham-se cobertos de pasquins *revolucionários*: ali é o candidato socialista ou republicano chamando á urna os eleitores não menos *revolucionários* do que elle; mais além o sindicato *revolucionário* cozinhando os belos petisquinhos associativos, ou a *revolucionária* cooperativa incumbindo-se de recheiar o estomago operário. Decididamente, vive-se n'uma época *revolucionária*...

Tambem não custa muito caro dizer-se revolucionário... Essa declaração não obriga a coisa nenhuma. Nem mesmo sois forçado ao minimo incomodo. Conservae mesmo os vossos mais pequeninos costumes. Como anteriormente continuareis bruto alcoolico, o operário honesto e o palerma votador.

Não nos dizemos revolucionários porque isso seria enfileirar-nos sob a mesma etiqueta duma quantidade de gente que nós encontrámos a cada passo por entre os adversarios mais implacaveis.

Tam pouco não nos dizem livres-pensadores porque essa denominação ficou açambarçada por uma categoria de individuos que em realidade são uns completos anmalejos. Quer isto dizer que nós não sejâmos revolucionários, que não sejâmos livres-pensadores? Bem ao contrario. Nós temos a pretensão de o ser, mais do que todos os sofistas, todos os «gabirús» que todos os injenuos que se satisfazem com a etiqueta sem os preocupar a realização de que ela significa.

\* \*

Não ha tarefa mais séria mais eficaz do que a nossa.

Demolir os preconceitos desvenvilhar-se da moral corrente, não mais permanecer escravo das velhas idéas e dos principios carunchosos que nos foram legados pelas veneraveis gerações dos nossos antepassados, é fazer um trabalho profundo de critica social, de destruição filosofica. Sem este preliminar, não ha obra revolucionária possivel. E' necessario, pois, antes de tudo, purificar o pensamento humano de todas as burrices de todos os receios, de todas as hipocrisias, religiosas, politicas, economicas e sociais. Todavia, isto não é suficiente. Se a tarefa anarquista consistisse unicamente na formação de pensadores livres, de filósofos emancipados, isso não mudaria a forma exterior da sociedade nem modificaria de modo nenhum as relações entre os individuos.

Mas onde é que já se viu esse teórico conciente que professasse certas idéas sem jámais tentar vivel-as? Se esse tenomeno eziste, estamos no direito de contestar a consciencia e sinceridade das suas teorias. Não é um anarquista que temos na nossa frente, mas um pseudo-anarquista, um revolucionário platónico, sem nenhum valor. A verdade é que os atos são a concretização das idéas. Um indivi-



duo conciente (no verdadeiro sentido da palavra) pratica as suas idéas. E' essa a obra verdadeiramente revolucionaria. Cada vez que um homem se iusurje contra o estado de coisas estabelecido, cada vez que um individuo se deixa duns preconceitos, se ri da opinião publica e do que «poderão dizer» pãra ajir a seu talenta, escutando apenas a sua razão, revolucionã a sociedade mais do que todos os berradores e todos os apóstolos platonicamente reunidos. Ha revolução, quando nos desembaraçamos das parvoices de que o nosso cerebro está repleto. Ha revolução, quando nós afrontamos os nossos contemporaneos com a prática duma vida lójica, oposta ab seu monotono tropel de rebanho timorato.

\*  
\* \*

Isto não é suficiente pãra os anarquistas revolucionários. Eles encontram escelente a revolta individual, mas isso não é suficientemente importante para êles. O que êles querem, é a revolta das grandes massas, o sublevamento do rebanho todo. Os atos individuaes nunca significarão nada, emquanto que os movimentos coletivos terão bastante vigôr pãra arrebatar o velho mundo cujo *requiescat in pace* já foi anunciado tanta vez... Mas o que êles se esquecem de nos explicar é o que seja um movimento coletivo.

Pãra nós, uma. coletividade, é um conjunto de individuos, e pãra que esse conjunto seja capaz de qualquer coisa, é preciso que as unidades estejam prontas individualmente a ezeccutal-a. Ou então, que os anarquistas revolucionários confessem não procurar senão um fim: a formação impulsiva duma brigada de individuos sob a influencia duma bebedeira momentanea. A massa está de tal forma inerte, de tal forma frajil, de tal forma estúpida que muito facil se torna a todos plasma-la, triturar-la, utilisal-a, até mesmo aos proprios anarquistas!!!

Esse papel de pastôr não o queremos. Deixamos aos revolucionários o cuidado de se arranjam com o seu rebanho no dia seguinte ao da vitória que talvez obtenham. Mas que se acautelem, que os furores populares são faceis de se desencadear e o officio de condutor de homens não é menos perigoso... Ha tanta

concorrença em todos os domínios!

\*  
\* \*

Nós, só pela simples razão de sermos anarquistas somos, é claro, revolucionários. Só pelo facto de sermos anarquistas, isto é, anti-cratas, somos anti patriotas, anti-corporativos, anti-religiosos, anti-moralistas, anti-parlamentaristas... Não temos a mania das etiquetas numerosas,—somos anarquistas, sem concessões e sem oportunismo. Portanto, se somos filósofos, se nos entregamos á obra necessária de purificação intelectual, sem a qual os nossos gestos ficariam incompletos, estamos prontos, mais do que os berrantes, os espalhatosos, os chinfrineiros, a ajir a nossa idéa, a afirmar a nossa personalidade, a defender o nosso direito individual contra tôdos: os chefes, os carneiros, as massas... Não acreditando mais em que a Revolução seja uma fada que ha-de vir num Grande Dia despedaçar os nossos grilhões, não confiando senão em nós mesmos, vamos, raciocinando, vivendo, reajindo... revolucionando!

Agosto, 1909.

André Lorulot.

**Não comprehendestes ainda as nossas teorias? Facil será desfazer as dúvidas: vinde discutir com nosco: as colunas de «a ação» permanecem á disposição de quantos civilida e sinceramente delas se queiram utilizar.**

## Irreverencias

O que é lá isso?!...

... Ou vocês não fossem politicos — e então socialistas! Ora os májicos!... querem então armar ao efeito...? O Portugal transcreve coisas do Povo de Aveiro e dá muita razão a este pãra cair mais em cheio sobre O Mundo, este aproveita-se das tiradas dos dissidentes pãra melhor se atirar aos do governo e você, sua Voz do Povo, quer valer-se das afirmações que fizemos a proposito da actual conduta de A Vida pãra melhor se atirar a ela — dando assim ares de querer convencer-nos a fazermos costas com você na zaragata... Mas quem é que vae nisso?...

Estamos, sim senhor, em dezacordo com A Vida não só porque ela defende a velha formula libertaria (Sociedade Futura, a Grande Revolução

## ‘ARCADES AMBO...’

(INÉDITO)

«Abaixo o jesuitismo, a clericalha, ignobeis sugadôres do sangue humano! Abaixo o jesuitismo ultramontano e toda a choldra vil d'essa egualha!

Abaixo o jesuitismo que enxovalha audaz, a rir, a flebil rêz humana, avassalando o pôvo á grei tirana. Abaixo, d'uma vez, essa canalha!

Abaixo o jesuitismo adversário! Abaixo o jesuitismo tonsurado! Eis o grito de guerra, funerario...

Soltemos nós, agora, o nosso brado: —Abaixo o servilismo latrinario do pôvo que os consente, acarneirado!

José Benedy.

Social, o Dia da justiça final etc.) e porque, sobretudo, ultimamente ali ninguém se intende, — parece efetivamente a Arca de Noé — é disparate braviu e, — o que também é verdade — não discute: — insulta, esperneia; mas isso nem por sombras quer dizer que façamos côro com você, ó sua Voz do Povo... socialista!

Agatanhe-se lá com A Vida se quiser; mas não se encoste pãra cá... ouviu?... E fazemos votos pãra que isto fique por aqui... senão seremos forçados a dizer que vocês são uns pilhas...

Já cá a temos!

Pum!... Pam! pam! pam! Traz! paz!... Pum!...

Eil-a! Chegou Emfim!...

Revolução!... Revolução!

Já temos a revolução em Portugal! E' facto! Não a ouvis estruzir ás esquinas das ruas, pela bóca dos garotos dos jornaes?! E' autentica! E' uma Revolução grande... tem quatro paginas, e, chega mesmo a ser maior do que o Mundo!...

Bem sabemos que é uma Revolução de papel... mas em compensação tem muitas vivas á Republica... o Padre Mattos amarrado... o Zé Povinho de barrête fríjio... e alem d'isso... é feita pelos mais audazes escritores! Caramba!...

E não julgem lá que aquela Revolução não ha-de ser uma Revolução têza... basta dizer-se que o seu principal redator... até também já foi anarquista!

Agradecendo...

O nosso presado e ilustre colega A Vida no seu n.º 33, depois de nos ter dirigido

uma enxurrada polidissimas amabilidades, aconselha-nos a que façamos a ação de transcrições, porque teriamos innumeradas probabilidades de dizer menos asneiras.

Profundamente reconhecidos agradecemos, mas não aceitamos o conselho pela razão de... não lhe queremos seguir o exemplo...

A' ultima hora

Bizancio, tantos de tal. — Por decisão do Tribunal d'Honra Anarquista, o jornal a ação será votado ás feras! Brrrrr!...

Inocente

ANIMATOGRARO

NA 'BOIA'

—Que me dizes da ação?  
— Infame!  
—E a resposta d'A Vida?  
—Belo! Fala-me d'isso... Aquilo é que é uma resposta a valer... E, sobre tudo, justa!  
—E o artigo de fundo?...  
—Magnifico! A verdade e a concizão, p.º pitam ali...  
—Mas ha aqui dois pontos que eu não percebo lá muito bem... Olha, este:

Sendo essencialmente o seu fundamento a livre associação, (a anarquia) todas as individualidades, as mais disparatadas, ahí devem procurar a garantia da verdadeira liberdade.

—Não comprehendes?... Isto é bom!  
—E este:

Outro sabe que as sciencias fisico-naturaes demonstraram já a falsidade da hipotese de um principio unificador e creador do cosmos.

—Soberbo!...

o Espectador.